

Letramentos Múltiplos: perspectivas e mediações em tempos ciberculturais

Marinês Juliana Carvalho Martins¹ - juliana.dejavu@gmail.com
Ewerton de Freitas Ignácio² - ewertondefreitas@uol.com.br

“Compreender que há outros pontos de vista é o início da sabedoria”
(Thomas Campbell)

RESUMO

O presente artigo tem como propósito refletir sobre as maneiras pelas quais a alfabetização e o letramento podem ser mediados no contexto cibercultural, bem como verificar suas implicações para a educação no século XXI. Percebemos que o maior desafio da atualidade é conseguir integrar e complementar as atribuições da escola com o potencial que os equipamentos tecnológicos apresentam e como os alunos assimilam o processo de aquisição da linguagem, da leitura e do letramento visando à comunicação. Para isso, recorreu-se à pesquisa documental e bibliográfica, sob a perspectiva do professor como mediador do conhecimento.

Palavras-chave: alfabetização, letramento, cibercultura, mediação.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the ways in which the act of alphabetize and literacy children may be mediated in the cybercultural context, and wants verify its implications for education in the twenty-first century. We realize that today's biggest challenge is to integrate and complement school assignments with the potential that technological equipment presents and how students can assimilate the process of language acquisition, reading and literacy in order to communicate. For this, we resorted to documentary and bibliographic research, from the perspective of the teacher as a facilitator of knowledge.

Key-words: literacy, cyberculture, mediation.

1 Mestranda do Mestrado Interdisciplinar em Linguagem, Educação e Tecnologia, Universidade Estadual de Goiás –Anápolis (GO), Pós graduada em Docência em Língua Portuguesa e Literatura e graduada em Letras pela mesma Universidade,; Professora da Secretaria Municipal de educação de Goiânia.

2 Mestre em Literaturas em Língua Portuguesa - UNESP (2003) e doutor em Literaturas em Língua Portuguesa - UNESP (2008) com estágio pós-doutoral em Literatura Brasileira - UNESP (2011). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Goiás/Anápolis, onde coordena o Curso de Letras e também atua junto ao MIELT - Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias.

Introdução

Este artigo surge a partir da busca de se tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e mais eficaz, sob o enfoque do letramento e dos multiletramentos possíveis na sociedade cibercultural, com suas implicações para o Século XXI.

Percebe-se, neste contexto, que um dos problemas enfrentados pelos professores do perfil da nova geração, nascida em uma era digital, em que os computadores e as tecnologias digitais fazem parte de sua realidade diária, é que eles pouco ou nada dominam os conhecimentos acerca dos processos de aprendizagem. Esta constatação nos leva a perceber o quanto a comunicação em duas gerações tão diferentes tende a ser ruidosa difícil.

Revisão de Literatura

Voltando um olhar histórico à alfabetização escolar, percebe-se uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e, por conseguinte, metodológicas. Alves (2006) contextualiza historicamente os anos de 1870 como importante período em que aos países mais avançados visou-se constituir sistemas nacionais de educação universal, pública, laica, obrigatória e gratuita, com formação humanística e científica.

Fazendo uma leitura das transformações ocorridas pela escola pública ao longo dos Séculos XIX e XX, sobretudo observando as ferramentas de trabalho do professor, sua atuação e condições de trabalho e o acesso ao aluno das escolas públicas com enfoque na França, Inglaterra e Brasil durante estes períodos, vê-se as consequências desencadeadas pela Revolução Industrial sobre a educação, como por exemplo, a quebra da resistência do trabalho masculino frente ao capital, o que gera um conjunto de normas que reduziam, progressivamente, a jornada de trabalho infantil e tornava obrigatória a escolarização das crianças trabalhadoras.

Entretanto, estas medidas, constituíam problema social, haja vista que tais crianças, sem emprego, se tornavam crianças de rua, já que os pais não podiam dar-lhes atendimento e segurança. Sendo assim, a escola parece, a princípio ser, bálsamo solucionador deste problema.

A legislação, porém, não conseguiu solucionar a questão das crianças de fábrica. Ao contrário, instalaram-se escolas noturnas e dominicais que passam a exercer uma ação catequética que se sobrepunha ao compromisso de desenvolver as habilidades básicas de ler, escrever e contar. Novamente é negado ao indivíduo seu direito de exercer sua cidadania.

Do livro didático ao manual didático, pensou-se ironicamente em baratear os custos da educação diminuindo-se os custos dos materiais didáticos e do próprio professor, o qual passou a possuir, segundo Comenius, uma “remuneração conveniente” e os livros didáticos resumiam-se a manuais, novas tecnologias educacionais mais baratas com a síntese dos conhecimentos humanos, o qual passa a servir em tempo integral ao professor e ao aluno.

Retomando a fala de Alves (2006), os anos de 1870 são importante período em que aos países mais avançados visou-se constituir sistemas nacionais de educação universal, pública, laica, obrigatória e gratuita, com formação humanística e científica. Se antes tínhamos a existência de dois tipos de escola: uma para os filhos de trabalhadores, de caráter profissionalizante, e outra, para os filhos dos dirigentes da sociedade, fundada nas artes liberais e nas ciências modernas; a escola contemporânea acrescenta um novo elemento à escola nova, incorporada aos séculos anteriores; uma forma de ensino marcada pela unidade do conteúdo. Ela passa a ser destinada a todos: filhos de burgueses e de trabalhadores e por outro lado: passa a trazer como bagagem curricular a formação humanístico-científica, até então restrita aos filhos dos dirigentes da sociedade.

Pois bem, nem só de rosas vive a História. Embora seja importante conquista levar aos filhos dos trabalhadores o acesso à escola, este acesso não garante um ensino de qualidade, nem tampouco a permanência destes estudantes nas classes. Engels (1975) apud Alves (2006) reflete que nas escolas noturnas, onde deviam ir os que trabalham de dia, quase não havia alunos, e estes não tiravam delas grande proveito. “Isso porque a burguesia tem pouco a esperar e muito a temer da formação intelectual do operário. Toda a formação racional, intelectual e moral é vergonhosamente negligenciada” (p.)

Comparada à realidade de hoje, muito se vê que as classes populares continuam enfrentando problemas parecidos: evasão escolar, frequentam cursos de EJA, cursam universidades em regime de Parcelada ou chegam à fase II do Ensino Fundamental com baixo grau de letramento.

Observando-se criticamente, é possível constatar que a substituição das obras clássicas pelos manuais didáticos, entendidos ambos como ferramentas do professor, diminuiu drasticamente o conteúdo de trabalho de ensino. Sendo assim, da mesma forma que o professor deixou de ser um sábio na transição da escola artesanal para a escola manufatureira, as obras clássicas deixam de ser referência didática, sendo substituídas por elaborações de novos especialistas. A visão ampla de mundo se esvai, ao mesmo tempo que a formação integral do indivíduo como cidadão, compreendedor de seus direitos, deveres e atos na sociedade.

“O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem da sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação.” (CHARTIER, 1999, p.8) Logo, é negado ao indivíduo de classes populares conhecer e reconhecer-se na história, política e em sociedade através do mundo das letras e das artes e das ciências. Estaremos, Século XXI, em tempos ciberculturais, distantes desta realidade?

Diante deste questionamento, pertencemos, novamente, a um período de reavaliação do ensino e de constantes transformações; no que tange às habilidades de leitura e escrita dos alunos. Yunes (2002) faz uma abordagem pertinente a este trabalho na medida em que aborda a seguinte questão: “haverá tarefa mais significativa para a escola do que esta de sensibilizar o sujeito para desvendar as dimensões da palavra?” Cabe-nos aqui, portanto, compreender os termos alfabetização e a realidade do letramento e como eles podem ser mediados no contexto cibercultural e como implicam a educação no século XXI.

Em nível conceitual, compreendemos letramento -- conceito oriundo do inglês *literacy*: a condição de ser letrado – a partir de Soares (2010), que define o vocábulo recém-chegado à educação brasileira, como a palavra usada para caracterizar um indivíduo que, além de ler e escrever, faz uso competente da leitura e da escrita, em diversos contextos sociais.

Desse modo, apenas decodificar signos parece ser insuficiente para indivíduos que, em pleno século XXI, dispõem de televisões digitais, *tablets*, aparelhos telefônicos de última geração e são indivíduos multitarefas: veem filmes e jogam no computador ao mesmo tempo, fazem tarefa e ouvem música, aparentando ter muita pressa. Comportam-se de forma diferente, manifestam-se diferente diante da sociedade e enxergam o mundo de multimaneiras.

A leitura antecede a produção de livros. Esta, como nos lembra Lévy (1994) fazia uso de estratégias mnemônicas em sociedades orais através de cantos, danças, narrativas orais, ritos, e outras técnicas, fazendo com que a leitura se propagasse a indivíduos que não necessitassem da alfabetização para compreender as dimensões das narrativas, haja vista que os leitores-ouvintes possuíam certo grau de letramento que os permitia compreender o texto. Silva e Costa (2012) reiteram tal questão no parágrafo abaixo:

“Um leitor lia para tantos outros leitores-ouvintes, numa dinâmica de socialização em que, inclusive, enquanto os demais ouviam o texto, trabalhavam. Quantas realidades foram transformadas em função da propagação de ideias pela oralização de um texto que alcançava leitores que não possuíam o domínio do ler e do escrever? A leitura, desse modo, não se restringia ao alfabetizado, como não se restringe até hoje. A leitura ganhava dimensão não limitada a certos espaços e tempos, pois quaisquer que tenham sido os sentidos dos textos lidos ou ouvidos, tais sentidos fluíam em outros tempos e lugares, à semelhança do papel da própria linguagem oral. Desse modo, a ausência de escolarização não impedia que ideias se propagassem, que leitores se formassem de outros modos e de muitas maneiras.” (SILVA e COSTA, 2012.)

A escrita dá início à História, garantindo que os sejam registrados, o tempo seja demarcado, os espaços sejam descritos. O alfabeto e a imprensa garantem o aperfeiçoamento da escrita, sendo essenciais no estabelecimento da ciência como forma de conhecimento dominante. Ler passa a ser compreendido como uma forma de interação verbal e social do leitor com o outro, com o mundo; interação tal mediada pela linguagem.

As facilidades tecnológicas trazidas pela Modernidade mudaram o foco da aprendizagem dos indivíduos. Ao homem do Século XXI acrescenta-se a necessidade de saber utilizar os recursos tecnológicos que o possibilitam acesso a uma série de informações que se interagem em diferentes linguagens: textos, imagens, sons e vídeos.

Com isso, o pensamento se estrutura de forma alinear, já que as leituras são feitas em de forma rizomática e não sequencial . A interface digital “alarga” o campo visível, percepção de autores como Lévy (1994, 1999) e Santaella (2005) que comprovam a existência da chamada escrita hipertextual, multimídia. Esta é interativa, em rede, com um leitor ativo, participante e construtor do texto, o qual em dados momentos torna co – autor e pode emitir não-somente comentários sobre a leitura, mas também modifica-la, em possibilidades múltiplas.

Pierre Lévy (2009) nos direciona a este meio cibercultural, com suas teias comunicacionais e tecnologias intelectuais de comunicação ubíqua. Santaella (2005) nos informa que estamos diante de um leitor que está o tempo inteiro transitando por informações ao mesmo tempo em que ele mesmo se move em uma hipermobilidade. Somos moventes, andamos de ônibus, vemos placas de trânsito, *outdoors*, lemos jornais e ao mesmo tempo estamos nos movimentando nas informações que vêm pelas redes e estão em toda parte. A qualquer hora, a qualquer momento pode-se saciar uma curiosidade, as informações estão disponíveis com grande facilidade de obtê-las, seja através de meios tradicionais (pelos livros, jornais, revistas, televisão, rádio) ou pelas mídias digitais (computador, mp3, câmera digital) ou ainda através das redes sociais como Orkut, Twitter, Facebook.

Almeida e Moran (2005) ressaltam a necessidade da criação de estratégias para que os celulares sejam incorporados, nas salas de aula, haja vista que oferecem vários recursos e não custam nada à escola. Muitas vezes os estudantes, inclusive de escolas públicas, têm celular e o levam a todos os lugares. Ele é o instrumento mais usado pela população brasileira, segundo estatísticas. Em seu livro os autores salientam que o webcurrículo prevê o uso integrado desta tecnologia, de forma que os alunos, com seu celular, podem fazer o registro daquilo que encontram numa pesquisa de campo, trabalhando com textos e fotos e preparando pequenos documentários em vídeo, por exemplo, de forma integrada ao conteúdo.

Pensando por esta perspectiva, Roxane Rojo nos atenta para o fato de que as novas mídias e os novos textos são exibidos de maneira hipermidiática e hipertextual. Sendo assim, mudaram-se também as competências e habilidades de leitura e produção de texto. A autora, desta forma, nos direciona a promover eventos de letramento que provoquem a inserção do alunado em práticas letradas contemporâneas, para que com isso desenvolvam as competências e capacidades de leitura e escrita requeridas na atualidade para multiletramentos. Tal conceito abrange duas perspectivas segundo a autora: Multiplicidade de linguagens e mídias e textos contemporâneos e Multiculturalidade e diversidade cultural. (Rojo, 2009)

Lévy (1999) define hipermídia como aquilo que emprega diversos suportes ou diversos veículos de comunicação. Gosciola (2004) acrescenta que a hipermídia

permite acesso simultâneo a textos, imagens e sons de modo interativo e não linear, possibilitando que se façam *links* entre elementos de mídia, controlar a própria navegação e, até, extrair textos, imagens e sons cuja ordem de análise caracterizará uma visão pessoal do usuário acerca do que está sendo multi sensorialmente lido.

Com tantas possibilidades de leituras e conseqüentemente, demandas de habilidades de letramento para compreender e estar apto a navegar nas infovias multissequenciais da rede, exige-se cada vez mais dos professores uma abordagem pedagógica que valorize a aprendizagem colaborativa, incentivando a produção de trabalhos e projetos criativos e desafiadores.

Sendo assim, em 1998 Jacques Delors, em busca de uma educação de qualidade, aponta quatro pilares da educação, percebendo como consequência principal da sociedade do conhecimento a necessidade de uma educação continuada. Diz o autor na página 89: “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele”.

O autor nos oferece “seus mapas” à medida que nos orienta a navegar pelos quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

Behrens (2012) descreve *Aprender a conhecer* como a busca pela aprendizagem através da pesquisa, de forma que o aluno reflita sobre os conteúdos após acessá-los. A autora compreende o *Aprender a fazer* como consequência do primeiro pilar: a produção do conhecimento, através da busca do fazer na criação com criticidade e autonomia:

“(…) decodificar as informações e convertê-las numa ação efetiva tornam-se tarefas importantes, pois preparam o aluno para se readaptar às situações-problema e estar apto para atuar como profissional”(p.80)

Aprender a viver juntos, segundo Delors, refere-se à conscientização dos alunos sobre a necessidade de viverem e trabalharem em grupo, numa interdependência entre os seres humanos do planeta. Palavras como cooperatividade, parceria e pensamento holístico fazem parte deste pensamento, que busca a reunificação das partes no todo.

Por último, Delors aponta como quarto pilar “*Aprender a ser*”. Segundo o autor, “Todo ser humano deve estar preparado, especialmente, graças à educação

que recebe, na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” (p.99)

Relacionaremos agora os quatro pilares apontados por Delors como essenciais à sociedade do conhecimento à visão de Edgar Morin. O autor compreende os seres humanos como unidades complexas multidimensionais. Logo, vislumbra o ser humano ao mesmo tempo como ser biológico, psíquico, social, afetivo e racional.

Da mesma forma, vê o conhecimento como algo que deve enfrentar a complexidade. Define *Complexus* como “o que foi tecido junto” (2011, p. 36). Logo, ele nos atenta ao fato de que a complexidade existe quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo; o todo e as partes, as partes entre si. Em consequência, a educação deve promover a “inteligência geral” apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global (2011 p. 36-37).

Pode-se notar que Morin (2011) reitera os conhecimentos já apontados por Rojo(2009), Santaella(2005) e Lévy(1999), à medida que multidimensiona o indivíduo, compreendendo-o em um complexo conhecimento que requer inúmeras habilidades. Para tal, cabe ao professor mediar os saberes e mostrar ao aluno caminhos que o levem a este novo mundo, tão repleto de teias e redes informacionais. É o que veremos nos parágrafos seguintes.

O dicionário Houaiss nos traz vários significados para a palavra “mediação”, dos quais alguns nos interessam: do latim *mediatĭo,ōnis*, significa ato de agir como intermediário. Como termo da psicologia, define-se da seguinte maneira: sequência de elos intermediários (estímulos e respostas) numa cadeia de ações, entre o estímulo inicial e a resposta verbal do final do circuito. (Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=media%25C3%25A7%25C3%25A3o>.

Acesso em: 16/ abr/ 2013)

Bahrens (2012) compreende a mediação pedagógica como um comportamento do professor, o qual se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, posicionando-se como uma ponte entre o aprendiz e o que este aprende. Desta forma, o no momento em que coleta as informações, as relaciona com seu mundo, discute-as com seus colegas, professores e com outras

peças de seu meio até que internalize este conhecimento e torne-o significativo. Tal processo é caracterizado pelo autor como interaprendizagem. (p.144-145)

Logo, trata-se de focar a aula em busca de um novo perfil de aluno, protagonista de suas ações, agente responsável por sua aprendizagem. Da mesma forma, aceitar que nesta perspectiva o professor assume outro papel, que não o de depositar conhecimento no aluno – em vez de transmissor passa a incentivador e orientador no processo de ensino-aprendizagem. Visto por este ângulo, o professor necessita rever sua prática e modifica-la, focando a aprendizagem no aluno, que passa a agente no processo de aquisição do conhecimento, pois aprende na prática os caminhos que o levarão até ele, tendo o professor como um norteador desta estrada.

Para mediar tal processo de interação com o conhecimento, o docente precisa de técnicas e métodos que o subsidiem. Estas deverão, primeiramente, ser pautadas nos objetivos que o professor busca atingir ao abordar tal assunto, conteúdo ou temática. Bahrens (2012), nos atenta para o fato de que:

A tecnologia apresenta-se como meio, como instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem. [...] Ela tem sua importância apenas como um instrumento significativo para favorecer a aprendizagem de alguém. Não é a tecnologia que vai resolver ou solucionar o problema educacional do Brasil. Poderá colaborar, no entanto, se for usada adequadamente, para o desenvolvimento educacional de nossos estudantes. (p.139)

Reunindo as leituras aqui apresentadas e baseados nas considerações de Toschi (2010) e de Peixoto (2011) constata-se que é função do docente, fundamentado em seus princípios teóricos, escolher quais serão as melhores técnicas e métodos que estarão adequados a seu público de alunos e ao propósito que, intencionalmente planejou para executar em suas aulas, de forma que as tecnologias de comunicação e informação, vistas como artefatos culturais, levem o sujeito a promover alterações significativas em sua maneira de lidar com a informação e o conhecimento.

Metodologia

Para a elaboração do presente texto recorreu-se em especial à pesquisa documental e bibliográfica, sob a perspectiva do professor como mediador do conhecimento. Severino (2007, p.122, 123) esclarece a pesquisa documental como um tipo de pesquisa que tem os documentos como fontes em seu sentido amplo,

incluindo jornais, fotos, filmes e documentos legais. O autor acrescenta ainda a pesquisa bibliográfica como aquela que se realiza a partir do registro decorrente de pesquisas anteriores, em documentos que podem ser livros, artigos e outros.

Conclusão

Analisando os termos alfabetização e letramento e como estes podem ser mediados no contexto cibercultural e suas implicações para a educação no século XXI, percebemos que o maior desafio da atualidade é conseguir integrar e complementar como atribuições da escola o potencial que os equipamentos tecnológicos apresentam à forma com que os alunos assimilam o processo de aquisição da linguagem, da leitura e dos múltiplos letramentos visando a comunicação em vários contextos sociais e culturais. Sendo assim, percebe-se o quanto é essencial à fundamentação do docente em princípios teóricos que o orientem rumo à descoberta de novas perspectivas e mediações pedagógicas adequadas a um público cada vez mais heterogêneo.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Salto para o futuro. Brasília: MEC, Seed, 2005.

ALVES, Gilberto Luiz. *A produção da escola pública contemporânea*. 4.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, 1999.

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: *Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo: Cortez/ Unesco, 1998.

GOSCIOLA, Vicente. *Roteiro para as novas Mídias: Do game à tv interativa*. São Paulo, Senac, 2004.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa on line*. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=media%25C3%25A7%25C3%25A3o>

Acesso em: 16/abr/13

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1999.

_____. Os três tempos do espírito: a oralidade primária, a escrita e a informática .
In: _____. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T., BAHRENS, Maria Aparecida, *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. – 19. ed. – Campinas: Papyrus, 2012. Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya – 2. Ed. rev. São Paulo: Cortez: Brasília: UNESCO, 2011.

YUNES, Eliana Lúcia Madureira (org). *Pensar a Literatura: complexidade*. Rio de Janeiro: PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

PEIXOTO, Joana. *Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Brasil. v. 14, n. 1 (2011) – Artigos. Disponível em: <http://rtve.org.br/seminario/anais/PDF/Tematicos/Tematicos-6.pdf> Acesso em: 16/ abr/ 2013

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. *Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? Língua Portuguesa: Ensino Fundamental* . Brasília: Ministério da educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez: 2007.

SILVA, Débora Cristina Santos e; COSTA, Keila Matida de Melo. *Percursos da leitura entre a página e a tela: Uma multiplicidade de sentidos*. Texto Digital, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 55-74, jan./jul. 2012. ISSN: 1807

TOSCHI, M. S. Dupla mediação no processo pedagógico. In: TOSCHI, M. S. (Org.). *Leitura na tela. Da mesmice à inovação*. Goiânia: Ed. PUC, 2010.